

**Territorialidades na Arte Contemporânea:
Cartografia de Subjetividades**

Dra. Maria Amélia Bulhões

Territorialidades na Arte Contemporânea: Cartografia de Subjetividades

Dra. Maria Amélia Bulhões¹ - UFRGS

Uma abordagem geral do projeto de pesquisa

A presente comunicação consiste em uma atividade de difusão do projeto *Territorialidades na arte contemporânea: cartografia de subjetividades* que se dedica a investigar formas de construção contemporânea de significados, considerando o papel decisivo das relações entre subjetividade e territorialidade. , dentro deste processo. Ele se insere no Projeto Integrado: *Territorialidades e subjetividades*, que busca interligar pesquisadores, atuantes em especial no campo das Artes Visuais, que enfocam em seus trabalhos aspectos relativos a demarcações de diferenças através de processos que envolvem territorialidades. A configuração desse projeto atende ao interesse de articular diversos interlocutores e definir novos horizontes, aproveitando a oportunidade de estabelecer diálogos com estudiosos de diferentes instituições e áreas de atuação.

Avança-se no sentido de abordar a arte contemporânea, pensando territorialidade como uma forma de estabelecer diferenças frente aos processos de homogeneização que se verificam em âmbito mundial, ampliando o debate

¹ . O presente texto foi elaborado a partir das atividades do grupo de estudo coordenado pela autora, com a participação das alunas Elisa Malcon, Cristina Ribas e Romy Pocztaruk, que apresentaram separadamente os itens , paisagem cartografia e memória, no Salão de Iniciação Científica da UFRGS, em março de 2002.

dentro dos movimentos de internacionalização e mundialização da cultura, com ênfase em questões referentes às Artes Visuais.

Contemporaneamente, a desterritorialização se impõe pelo modo de vida cosmopolita que se realiza em constantes deslocamentos. A cidadania do mundo se faz também por um cotidiano marcado pela ação das mídias internacionalizadas, reforçadas pelo consumo que uniformiza padrões. Entende-se a relação territorialidade/subjetividade como possíveis construções simbólicas particulares, tendo em vista assinalar peculiaridades dos grupos. Essa noção pode ser abordada tanto do ponto de vista do conceito de Estado, enquanto unidade e integração social em determinado espaço físico, quanto de distintas representações da diferença em face da mundialização contemporânea, não se restringindo a questões espaciais, mas ampliando-se para níveis conceituais.

Nesta proposta, enfatiza-se a territorialidade enquanto projeção de particularidades que estabelecem inter-relações dentro de universalidades, e não como um processo de defesa de identidades excludentes ou regionalistas. Interessa particularmente identificar e discutir as produções artísticas inseridas na problemática das territorialidades, que tratam essas questões respeitando sua complexidade e evitando posições maniqueístas.

O tema está sendo focado em dois níveis. No primeiro, se encontram as análises dos paradigmas conceituais *território* e *subjetividade*, explorando as inter-relações entre eles e as suas abordagens dentro do debate intelectual atual e em suas manifestações na arte contemporânea. Em segundo lugar, está o levantamento das diversas formas como territorialidade e subjetividade se interrelacionam na produção de artistas, a partir de três possíveis abordagens analíticas: **paisagem**, **memória** e **cartografia**. São enfocadas obras que evidenciam formas de diálogo frente aos processos homogeneizadores mundializantes, investigando com se estabelecem repertórios formais e estratégias de atuação.

Considerando o homogêneo como um valor hegemônico do século XX, que dificulta a análise da produção artística de regiões periféricas, busca-se observar como alguns artistas se contrapõem a isso, sinalizando o pensamento do 'outro' em processos que consideram circunstâncias de afirmação da subjetividade.

Este projeto de pesquisa, buscando abordar aspectos formais e conceituais da relação subjetividade e territorialidade presentes nas obras de artistas plásticos, principalmente latino-americanos, recupera para a área das artes visuais uma questão emergente nos debates atuais de outros campos. Frente aos constantes deslocamentos que se impõem, seja por opção, seja por contingências externas, o homem dos séculos XX e XXI está cada vez mais impelido a constantes de alterações territoriais. No entanto, a fluidez com que circulam bens e mensagens não apaga a distinção entre centro e periferia, e a origem dos indivíduos dialoga com sua subjetividade deixando neles marcas indeléveis que se evidenciam em sua obra.

Com efeito, os deslocamentos espaciais, possibilitados pelo avanço das novas tecnologias que se operam atualmente, estabelecem modernas dinâmicas no sistema das artes, restaurando a aura da obra de arte na sua circulação. Rompe-se a dicotomia entre valor de culto e valor de troca, tão bem analisada por Walter Benjamin. A sacralização na arte contemporânea se realiza no próprio circuito de exposições, onde se articulam mercado e instituições. O significado social da arte se torna muito mais complexo, pois é perpassado por diferentes instâncias de legitimação. Assim, problemáticas levantadas em pesquisas anteriores estão sendo reatualizadas dentro de novos horizontes, enfocado, por exemplo, a questão das relações entre centro e periferia no mundo contemporâneo, através da visão geoapolutica do Mercosul. Com isso, privilegia-se uma parcela importante e pouco conhecida da produção artística contemporânea, que está a merecer mais atenção dos pesquisadores e, além disso, responde com muitas particularidades à questão atual de

territorialidade como afirmação de diferenças em face das homogeneizações empobrecedoras.

Assumir a complexidade da inserção deste debate no campo das Artes Visuais tem sido um desafio para diversos pesquisadores, principalmente considerando que se evidencia cada vez mais a importância da imagem e as possibilidades de significação nas especificidades deste universo. Mesmo considerando a interlocução com outras áreas do conhecimento, interessa apontar elementos conceituais de ordem da imagem, aspecto que está bem mais fortemente presente neste projeto do que em anteriores.

Subjetividade e territorialidade em diálogo

Subjetividade e territorialidade, por constituírem dois conceitos-chaves no projeto, foram objeto de exaustivo estudo, e a discussão aprofundada de outros conceitos, deles derivados, esteve presente desde o início das atividades. Criou-se um glossário de termos, visando esclarecer e pontuar em que ótica cada termo poderia ser útil no trabalho com as artes visuais. Decorrente dessas circunstâncias, mais do que delimitar os temas interessou explorar como eles se articulam nos discursos artísticos e na produção plástica contemporânea.

Historicamente, o estudo sociológico de padrões de imigração tem se detido em 'fatores de expulsão' e em 'atores de atração' ou seja, condições sociais que levam indivíduos a deixarem uma área e serem atraídos por outra. A pesquisa corrente sobre esse tópico tem usado métodos mais complexos, que levam em conta processos em escala mais ampla, tais como a demanda internacional de trabalho e a movimentação de capitais através de fronteiras nacionais. O conceito de territorialidade a ser utilizado engloba o conjunto de formas sociais e de relações com a exterioridade, tendo em conta o meio e a multidimensionalidade do vivido, ao mesmo tempo considerando o processo e

o produto por intermédio de um sistema de relações existenciais e de produção.

A maneira como o grau de intimidade é regulado dentro dos relacionamentos sociais vai desde a hostilidade nacionalista a estrangeiros às formas como as raças e classes dominantes mantêm seus privilégios, excluindo membros de grupos inferiores dos bairros onde moram, das ocupações que preenchem e das posições de influência e autoridade em instituições. A fronteira é um ponto ou limite que distingue um sistema ou grupo social de outro e identifica e estabelece quem deles podem participar. Unidades militares, por exemplo, distinguem-se umas das outras por uniformes e insígnias; comunidades utilizam freqüentemente placas rodoviárias para marcar seus limites; e pessoas podem ocupar o status de estudantes universitários apenas depois de satisfazerem a certos critérios de admissão.

A subjetividade dentro de uma perspectiva sociológica é um conjunto relativamente estável de percepções sobre quem somos em relação a nós mesmos, aos outros e aos sistemas sociais. A subjetividade se organiza em torno de um auto-conceito, ou seja, as idéias ou sentimentos que se tem sobre si próprio. Em um nível mais estrutural, ela baseia-se também em idéias culturais sobre os papéis sociais que ocupa. Este componente do self, que se baseia nos status sociais ocupados pelo indivíduo, é conhecido como identidade social.

As relações entre os conceitos de identidade, pertinência e exclusão variam em clareza e abertura. Assim, subjetividades se constroem nesses limites impostos nos territórios ocupados pelos indivíduos, sejam eles físicos ou simbólicos. Considerando que as produções artísticas se concretizam e se reconhecem socialmente dentro desse processo, interessa ao projeto a análise concreta das diferentes formas como elas se realizam.

Paisagem, memória, cartografia.

As principais estratégias utilizadas no diálogo com as diferenças simbólicas através de processos plásticos encontram-se enraizadas na polarização dos conceitos de territorialidade e subjetividade. No sentido de uma aproximação das experiências concretas dessa articulação, foram desenvolvidos estudos sobre trabalhos de artistas e suas atuações dentro de processos de subjetivação. Para tal, utilizaram-se três possíveis abordagens, que correspondem a tendências bastante reincidentes na arte contemporânea. São elas: a interação artista-paisagem, o uso de recursos de memória coletiva e a adoção de elementos de cartografia.

Apresentam-se aqui alguns aspectos do que já se desenvolveu como reflexão em cada uma dessas abordagens, através de estudos com grupos de artistas. Estes foram selecionados pelas bolsistas, a partir de orientações gerais sobre o tema, fornecidas pela coordenação através de seminários realizados com o grupo de pesquisa.

1. A *interação artista-paisagem* é um dos fatores que alimenta a produção artística, atuando no sentido de uma construção de diferenças dentro de um contexto de aparente homogeneização cultural. Dessa interação (do modo como o artista absorve a visualidade de seu entorno e a integra em sua obra), emergem territórios subjetivos que refazem a paisagem, criando novas territorialidades.

A partir de um leque de nomes bastante amplo, destacaram-se três artistas cujas obras resultam de sua intensa relação com a paisagem. São eles: os brasileiros Carlos Vergara e Irineu Garcia, e o argentino Jorge Orta. Seus trabalhos potencializam diferenças e criam novos lugares, resgatando de modo pessoal o tema da paisagem.

Tanto Vergara quanto Garcia se apropriam de elementos do entorno para formar o corpo de sua obra. Em 1989, Vergara realiza uma série de monotipias em diferentes locais do Brasil, sobre meios como a lona ou o papel.

Um desses locais é uma antiga fábrica de pigmento, em Minas Gerais. Ele decalca as superfícies internas da construção (impregnadas de pigmento natural de ferro), captando suas tensões. Produziu também uma série no Pantanal, em contato direto com o meio natural. Esse trabalho, como vários outros, foi executado diretamente sobre o solo. A lona é utilizada praticamente em branco, e os crocodilos passam sobre ela deixando rastros de lama. O resultado plástico incorpora as diferenças locais.

Irineu Garcia faz da terra o elemento básico da série *Caminhos do Sul*, que iniciou em 1977, quando realizou sua primeira “expedição” ao deserto do Alegrete. Em 2000, empreendeu uma cavalgada de dez dias entre as cordilheiras do Chile e da Argentina. Essa imersão na paisagem lhe permite absorvê-la, transmutando-a numa experiência plástica na qual tornam-se visíveis as marcas de um percurso, vestígios do tempo e do espaço, onde questões como a vida e a morte são constantemente pensadas. Traços da memória coletiva e individual se sobrepõem. Ao solo, símbolo maior da coletividade, somam-se marcas de sua história individual. Tempo e espaço se fundem em seus *Sítios Arqueológicos*, trabalho composto de caixas de madeira que contêm, sobre um fundo de papel reciclado, a terra coletada em suas expedições, além de vestígios daquele território, como pelos de animais habitantes daquelas paisagens, pequenos fósseis, e toda espécie de resíduos de plantas e minerais locais.

Jorge Orta cria um alfabeto de signos a partir da memória coletiva de antigos povos, cuja herança cultural, sacra, mítica, social e artística é convertida em projeções luminosas veiculadas por um canhão de imagens de grande alcance. Os sinais são projetados sobre grandes espaços externos: monumentos históricos e sítios em diversos países. A obra tem a duração de apenas algumas horas. Ressaltem-se, aqui as interferências realizadas na paisagem natural e, sobretudo, o seu trabalho *Pegadas sobre os Andes*, de 1992, desenvolvido em Cuzco e nas ruínas de Machu Picchu, no Peru. O cruzamento de símbolos culturais e linguagens plásticas forma ali um novo

território, sobrepondo visões da história num único local topográfico. A obra resultante opõe-se àquilo que se reconhece tradicionalmente numa paisagem: sua permanência no espaço e no tempo, subvertendo assim o conceito de representação de um local com posição geográfica determinada.

Esses três artistas apontam para uma nova concepção da paisagem, tornando-a mutável, imprimindo-lhe mobilidade e apresentando-a enquanto espaço em construção, onde a obra está estreitamente vinculada ao seu entorno geográfico, e cuja leitura se desvenda não apenas nela própria, mas no entrecruzamento da imagem, idéia e realidade territorial, formando assim um novo lugar.

2. Os recursos de *memória coletiva* foram enfocados nesse estudo predominantemente por artistas que utilizam a fotografia como meio e, através de suas produções, procuram reativar lembranças esquecidas ou negadas. O diálogo que estabelecem com as imagens transcende o simples testemunho visual e a cristalização do passado. Rosangela Rennó, brasileira, Graciela Sacco, Argentina, e Carlos Altamirano, chileno, rastreiam fotografias abandonadas e até mesmo esquecidas, que podem sair tanto dos meios de comunicação usuais como de arquivos públicos e particulares. Através de suas produções, estabelecem uma atitude reativa à sociedade de massas e à indústria cultural que rompe com as territorialidades e impõe a temporalidade de um presente permanente. Questionam a televisão, o outdoor e todo tipo de mídia que, em seu conjunto de imagens, invadem todos os espaços e anestesiam os olhares, constituindo uma sociedade desmemoriada pelo excesso de informação.

Rosangela Rennó, em sua obra *Imemorial*, de 1994, consultou arquivos da construtora Novacap de Brasília em busca de registro de operários mortos durante a construção da cidade. Foram encontrados registros de crianças operárias; que foram dispostos pela artista na parede. No mesmo ambiente, foram colocadas no chão as fotos dos operários mortos, dando a idéia de

tumbas. Este trabalho remete à memória de um território geográfico, no caso a cidade de Brasília.

A obra *El combate perpetuo*, de Graciela Sacco, realizada no ano de 1997, consiste em uma fotografia ampliada de um jovem arremessando violentamente uma pedra. Cópias ampliadas dessa foto, sob a forma de cartazes, foram distribuídas em meio a escombros na cidade. Essa intervenção pode ser classificada como um monumento contra o esquecimento, por colocar em questão, no espaço público a violência da sociedade. A fotografia saiu da mídia revestida de um tom ficcional para ganhar realidade em meio à paisagem da cidade. O local não foi escolhido aleatoriamente: revela a degradação e a violência do espaço urbano.

A obra *Pintor de domingo*, de Carlos Altamirano, é uma colagem que mescla imagens cotidianas, encontradas nos meios de comunicação, e a foto de um rosto anônimo, seguido da inscrição "donde estan?". Altamirano tenta reconstruir a identidade perdida de seu país através da reativação dos vazios da memória, trazendo à tona lembranças que muitos desejam ver esquecidas. O trabalho *Jogo Lúdico*, de Rennó, também é constituído por fotos de desaparecidos que, nesse caso, estão colocadas no chão, e que atuam no mesmo sentido. Ambos os artistas querem tornar visível o esquecimento, buscando a reativação da memória subjetiva contra a historiografia oficial.

Esses três artistas constroem seus próprios lugares de memória onde esta deixa de ser individual e expande-se para o campo plástico, reconstruindo assim o território onde vivem, e dando forma a um processo de subjetivação que refaz identidades e reconstrói um passado comum. Suas atitudes são reativas frente à amnésia produzida pelos meios de comunicação, trazendo e tornando visíveis imagens que passam despercebidas, mas que estão muito presentes nos afetos da América Latina.

3. O uso de *elementos da cartografia* nas artes visuais está ligado ao fato de que ocorreram, ao longo do século XX, grandes mudanças na apreensão cartográfica do globo, afetando assim a noção de territorialidade no

espaço contemporâneo. Formas de repensar a percepção desse espaço, dentro do qual a construção de novas cartografias (e mesmo novas formas de cartografar) é o papel do artista. Percebe-se então a ampliação do conceito de territorialidade, atualmente elástica e ligada ao processo de intersecção de fronteiras culturais.

Anna Bella Geiger busca, desde as décadas de 60 e 70, discutir a territorialidade voltada especialmente para a América Latina. Na série *Local da ação*, de 1996, apresenta o território geográfico da América Latina como um campo de estratégias, mostrando-nos os mapas - a representação - e sua antítese, a camuflagem - o ocultamento. Mais recentemente, em uma série de caixas de ferro e diversos materiais, como cera e cobre, mostra novamente possíveis distorções simbólicas da representação científica (ou seja, do mapa propriamente dito) da América Latina.

Guillermo Kuitca, artista argentino, parte de mapas existentes, que utiliza aleatoriamente para re(a)presentá-los em suas pinturas, em diversas escalas. Num sintoma de desterritorialização, escolhe os mapas ora da Alemanha, ora da África, e neles modifica os nomes de cidades, vales, rios, alterando a sua noção científica representacional, mesclando nomes de pessoas, como em uma árvore genealógica que referencia localizações geográficas fictícias. Ele também utiliza plantas arquitetônicas que são a projeção do lugar do corpo – o mapa da casa como a representação da dimensão espacial que contém os corpos e os conduz às suas atitudes. Mapas e plantas arquitetônicas (apartamentos, teatros, etc) que ele utiliza funcionam como representação de um espaço simbólico, dificultando a separação do real e do imaginado.

Essa subversão do mapa enquanto representação de um território faz uma conexão com a obra de Carlos Capelán, que trabalha com a criação de mapas tridimensionais. Esse artista uruguaio constrói um mapa dentro do qual o corpo do espectador é inserido. Suas instalações são feitas com coleções de elementos, se apresentando como em um território complexo, cuja representação está diretamente ligada à terra com seus túmulos, seus marcos,

seus territórios. É, portanto, a subversão do mapa ao extremo, posto que a observação/compreensão deste lugar se dá pelo deslocamento dentro dele mesmo (como o mapa de Borges, que cobre todo o território que representa). O artista também trabalha com a problematização do espaço cultural latino-americano e das periferias como um todo, que correm por eminentes processos de enfraquecimento cultural desde suas origens.

Cada um desses artistas estudados no projeto de pesquisa apresenta territórios subjetivos, que podem estar deslocados, mas que constroem, na contemporaneidade, um pensar da diferença contra imposições de poder estabelecido e rigidez das representações oficiais. As representações territoriais propostas discutem dualidades como: unidade/pluralidade, nomadismo/ sedentarismo, fixação/exílio e levantam questionamentos sobre desenraizamento cultural, virtualização da representação do espaço, ausência ou transposição das fronteiras territoriais.

Uma pequena mostra do que se está realizando dentro do grupo de pesquisa em termos de análise das obras foi aqui apresentada. Em sua totalidade, busca-se observar estratégias utilizadas para o enfrentamento com a realidade contemporânea de um mundo desterritorializado e em constante mutação, onde as homogeneizações da grande indústria cultural buscam estabelecer patamares de uma subjetividade anódina. Os artistas polemizam, reconstroem e subvertem esta realidade, evidenciando as complexidades de suas subjetivações. Com isso, recolocam ao espectador as contradições em que estão inseridos. Dar conta desses processos da arte é a proposta deste trabalho de pesquisa, que prosseguirá aprofundando e ampliando essas análises aqui apresentadas. Outros resultados do trabalho podem ser encontrados no site: [www. Territorialidades.cjb.net](http://www.Territorialidades.cjb.net).

Referências bibliográficas:

- AUGÉ, Marc. Hacia una antropología de los mundos contemporaneos. Barcelona, Gedisa, 1995
- BUCI-GLUSCKSMANN, Christine. L'oeil cartographique de l'art. Paris, Galilée 1996
- BULHOES – KERN, M. Amelia – M. Lucia. América latina: territorialidades e praticas artísticas. Porto Alegre, Ed. UFRGS, 2002
- CANCLINI, N. Garcia. Intromisiones Compartidas San Diego/Tijuana. Fondo Nacional Cultura y Artes, 2000
- DOMINO, Christophe. À Ciel Ouvert. Paris: Éditions Scala, 1999.
- ESCOBAR, Ticio. El arte en los tiempos globales, Asunción, Salesiana, 1997
- GUATTARI, Felix. Caosmose: um novo paradigma estético. Rio de Janeiro, Editora 34, 1992
- JAMESON, Frederic. Espaço e imagem. Rio Janeiro, Ed UFRJ, 1994
- LE GOFF, Jacques. El orden de la memoria. El tiempo como imaginario. Barcelona, Paidós, 1991
- MELO, Alexandre. Outro mundo. in: Porto Arte. v. 10, no. 18, 126 p. maio 1999. Porto Alegre: Instituto de Artes/UFRGS, 1999. P. 67-82.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. Dislocaciones del tiempo y nuevas topografías de la memoria. In: BUARQUE DE HOLLANDA, Heloisa e RESENDE, Beatriz (org.). Artelatina. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.
- PEIXOTO, Nelson Brissac. Paisagens Urbanas. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 1998.
- TASSINARI, Alberto. O espaço moderno. São Paulo: Cosac & Naify Edições, 2001.